

UM GRANDE FENÔMENO — BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

— TUCKER MAX —

# ESPERO QUE SIRVAM CERVEJA NO INFERNO



FARO  
EDITORIAL

Extremamente divertido e totalmente incorreto! — *The New York Times*



TUCKER MAX

# Espero que sirvam cerveja no inferno

Tradução

WARLEY TEIXEIRA SANTANA

 FARO  
EDITORIAL

# Nota do Autor



Meu nome verdadeiro é Tucker Max. A menos que um nome completo seja usado, todos os outros são pseudônimos.

Todos os eventos descritos aqui são verdadeiros. Porém, algumas datas, características e lugares foram alterados para me proteger de qualquer tipo de processo criminal ou civil.

Espero que você curta estas aventuras tanto quanto eu gostei de vivê-las.

# A famosa história da calça no sushi



Ocorrido em julho de 2001  
Escrito em julho de 2001

Eu costumava pensar que o Red Bull era a invenção mais destrutiva dos últimos cinquenta anos. Estava errado. O título foi usurpado pelo bafômetro portátil. É o mesmo aparelho que os policiais utilizam, há mais de dez anos, para testar a sobriedade do indivíduo, e agora está disponível ao público. Tem o tamanho e a forma de um celular pequeno com um tubo, quase como uma antena. O cara assopra no tubo e, segundos depois, a leitura de quantidade de álcool no sangue — Blood Alcohol Content (BAC) — é feita. Embora não sejam tão exatos quanto um exame de sangue, têm a precisão de 0,01, o que é bom demais para os meus propósitos.

Eu estava morando em Boca Raton, Flórida, quando comprei um desses e o levei para passear no sábado à noite. Eis a história:

21:00: Chegada ao restaurante. Sou o primeiro do grupo lá, e nossa reserva é para as nove mesmo. O restaurante estava lotado daqueles tipos que infestam o sul da Flórida. Já deprimido, pedi uma vodca e um club soda.

21:08: Ninguém tinha chegado ainda. Pedi mais uma vodca e um club. Considerei checar meu BAC, mas duvidava que o aparelho pudesse dizer algo, naquele dado momento.

21:10: Duas balzacas judias estavam de olho em mim, à mesa ao lado. As duas eram siliconadas. Uma delas tinha uns peitos bem grandões. Eles acenavam para mim mesmo de dentro da camiseta dela. Ela não era atraente. Comecei a beber mais rápido.

21:15: Ninguém chegou. Pedi a terceira vodca e outro club. Enquanto eu aguardava, experimentei meu bafômetro portátil. Sopro: 0,02. Esta é a

melhor invenção já feita. Estou tontinho. Mostro o bafômetro para a judia de peito falso ao meu lado. Começamos a papear.

21:16: As duas têm sotaque forte de Long Island. Chamo o garçom e mudo o pedido: vodca dupla com gelo e club soda misturada.

21:23: Quatro pessoas já testaram meu bafômetro, inclusive as mulheres de airbags. Todo o mundo quer saber o nível de BAC. Sou o centro das atenções. Estou feliz.

21:25: O primeiro membro do meu grupo chega. Eu mostro pra ele meu bafômetro. Ele está estupefato. Ele paga uma rodada. As mulheres do silicone nos informam aos gritos que querem beber. Meu amigo paga as bebidas. Eu peço uma vodca dupla com gelo, sem club soda.

21:29: Sopro mais uma vez: 0,04. Estou bebendo há meia hora e chego ao meu quarto drinque. As engrenagens do meu intelecto começam a enferrujar. Uma nuvem se formou em meus olhos... quatro bebidas... 0,04... Isso significa que cada uma vale 0,01 para o meu nível de BAC. Começo a acreditar que posso beber muito. Digo pra mulher dos airbags que ela é muito interessante.

21:38: Seis, dos oito caras, estão lá. Minto para a hostess. Ela nos acomoda. Todo o mundo está falando do meu bafômetro. Sou foco de adulação. Perdooo a todos por suas chatices. Acho que essa noite promete, apesar de tudo.

21:40: Sopro de novo. 0,05. Isso me deixa confuso. Eu não tinha pedido outra bebida desde meu 0,04. Tenho uma vaga lembrança de uma aula distante sobre constante absorção de álcool no sangue, independente da velocidade com que você bebe. Esta lembrança rapidamente desaparece quando duas mulheres gostosas à mesa ao lado me perguntam sobre meu bafômetro.

21:42: Uma das gostosas está na minha. Ela começa a me falar de quando foi parada por policiais por suspeita de dirigir sob influência de entorpecentes e teve que soprar num bafômetro parecido com este. O guardinha a liberou. Ela diz que sempre quis ser policial, mas não conseguiu passar no exame da corporação, mesmo tentando duas vezes. Eu digo pra gostosa que ela deve ser bem esperta. Ela para de prestar atenção em mim. A mulher gostosa aparentemente é esperta o bastante para detectar meu velado sarcasmo.

22:04: A novidade do bafômetro já era. As coisas mudaram. Já não sou o centro das atenções. Não estou contente com minha mesa. Se a luz do holofote não está diretamente em mim, eu me sinto pequenino internamente.

22:06: As pessoas à minha mesa começam a falar de cura através da energia. Todos estão boquiabertos com uma garota que teve uma aula disso. Eu digo a eles que cura por energia é uma pseudociência solipsista sem valor. Eles dizem que a cura por energia é uma ciência real porque o instrutor da aula da menina foi para Harvard. Um dos caras diz que se trata de uma ciência “legítima, comprovada”, enquanto faz aspas com os dedinhos. Eu digo a eles que todos (enquanto imito as aspas no ar) são idiotas “legítimos e comprovados” por acreditar em merdas como cura por energia. Duas garotas me chamam de mente fechada. Eu respondo que elas são tão mente aberta que o cérebro vazou. Todos olham para mim com ar de desaprovação. Odeio todos que estão à mesa.

22:08: Estou completamente torto e não presto atenção no papo idiota deles. Estou mergulhando na vodca tudo o que o garçom galãzinho consegue trazer. Sopro a cada três minutos, vendo que meu BAC vai subindo aos poucos.

22:10: 0,07.

22:17: 0,08. Já não estou apto a dirigir no estado da Flórida. Não conto a ninguém.

22:26: 0,09.

22:27: Decido ver quão bêbado posso ficar e ainda ser funcional. Sei que 0,35 mata a maioria das pessoas. Acho que 0,20 pode ser uma boa meta.

22:28: Levanto sem dizer nada aos sete sofistas da mesa e volto ao bar. Não deixo dinheiro pela minha bebida.

22:29: As siliconadas ainda estão no bar. Querem beber. Chateado por estar somente com 0,09 depois de uma hora e meia bebendo de forma agressiva, decido por uma rodada de shots. Deixo as mulheres pagarem os shots, com a regra clara de que não pode ser uísque, não pode ter cheiro de uísque, não pode nem lembrar uísque (uma vez eu fui parar numa enfermaria bebendo uísque, mas isso eu não conto).

22:30: As bebidas chegam. Tequila. A julgar pela conta, tequila da boa. Macia. Mais uma rodada.

23:14: Sopro um 0,15. Estou quase lá. A apenas 0,05 do meu objetivo. Meu orgulho se infla. Mostro a todos meu 0,15. A galera do bar está impressionada. Sou o ídolo deles. Alguém me paga mais uma.

23:28: Não tô legal. Percebo que não consigo ir para a mesa jantar. Não quero ir pra mesa nem comer no balcão. Atravesso a rua até um restaurante de sushi.

23:29: Está rolando uma festa do pijama no restaurante de sushi. Um monte de gente usando um tipo de pijama ou qualquer que seja a vestimenta de dormir. São todos tão idiotas quanto os que estavam à mesa, mas pelo menos estão de roupas íntimas.

23:30: Estou bem confuso. Só quero sushi. Paro na porta, embasbacado com a miríade de corpos seminus que passam. Uma garota ligeiramente atraente que parece trabalhar no restaurante me convida a ficar de roupas íntimas. Digo a ela que não uso. Eu só quero sushi. Ela diz que eu deveria pelo menos tirar minha calça. Pergunto a ela se com isso vou conseguir sushi. Ela diz que sim. Tiro a calça.

23:30: Paro enquanto abro o zíper, matutando sobre qual tipo de cueca estou usando, se é que estou. Considero a possibilidade de não tirar minha calça. Percebo que conseguir comida de forma rápida é mais crucial que minha dignidade.

23:31: Tiro a calça. Estou com uma samba-canção da Gap, com listrinhas rosa e brancas. Ela está bem apertada. Certifico-me de que meu pacote está no lugar. As pessoas me veem fazendo isso.

23:32: Peço sushi apontando a figura e gemendo.

23:33: Mostro meu bafômetro para um cara. Ele se impressiona. Mostra pra todo o mundo. As pessoas começam a formar uma roda à minha volta. Sou uma estrela de novo.

23:41: Sopro 0,17. Conto meu objetivo pra todos. Alguém paga uma bebida pra mim.

23:42: Bebo. Algo que tem um sabor familiar, faz com que eu me sinta quente por dentro. Pergunto o que é. “Conhaque e Alizé”. Existe um Deus e ele me odeia.

23:47: Chega meu sushi. Viro o vidro de molho de soja nele e o engulo tão rápido quanto minhas mãos permitem.

23:49: Acaba meu sushi. Ninguém está prestando atenção nas minhas maneiras à mesa; todos estão entretidos com o bafômetro, cada um esperando a vez para descobrir seu BAC.

00:18: Sopro 0,20. SOU UM DEUS. O restaurante se inflama. Os homens estão me aplaudindo. As mulheres, me desejando. Todos querem falar comigo. Perdoo todos os pecados deles porque estão prestando atenção em mim.

00:31: Meu status de divindade se perde. Alguém sopra 0,22. Eis que surge um desafio para a minha macheza. Peço um super-hipershot de Baccardi 151, além de uma cerveja. Vou dominar.

00:33: Termino o drinque, a cerveja também. Falo merda pro meu desafiante. “Quem manda nisto aqui agora, veado?!” O público vai à loucura. O ápice é meu. Sou o máximo. Estou ganhando a plateia. Vou dominar o restaurante.

00:36: Dou uma reparada melhor no meu desafiante. Ele é alto, tem ombros largos, musculosos. Sua expressão facial natural é de poucos amigos. Ele me observa silenciosamente, pede uma bebida, toma como se fosse água e dá um sorrisinho pra mim. Começo a considerar que falar merda pra ele não foi das melhores ideias. A esta altura, também percebo que meu estômago está reclamando comigo. Eu o ignoro. Ainda tenho uma plateia que precisa me adorar.

00:54: Sopro 0,22. Somente alguns gritinhos. Todos aguardam o sopro do desafiador.

00:56: Ele sopra 0,24. E sorri pra mim de forma condescendente. Peço mais duas bebidas.

00:59: Bebo a primeira. Não desce tão bem. Decido dar um tempo para o próximo gole. A galera não está impressionada.

1:10: A realidade aparece. Vou vomitar. MUITO. Tento discretamente fazer isso lá fora.

1:11: Esbarro numa menina quando tento ir correndo para fora.

1:11: Tropeço num arbusto e começo a fazer o trabalho de limpeza de estômago. Sai da minha boca, do meu nariz. Não é gostoso.

1:14: Não consigo perceber a razão de minhas pernas doerem tanto. Olho para elas entre as falhas da planície. Não estou de calça. Espinhos e galhos entranham nas minhas canelas.

1:18: O vômito chega ao fim. Agora estou tentando parar o sangramento. Uma luz muito forte aparece diante de meus olhos. Não estou feliz. Digo ao dono da tal luz “que tire a porra daquela luz da minha cara”. O dono da luz se identifica como oficial da lei. Peço desculpas ao policial e pergunto a ele qual é o problema. Eis que surge uma longa pausa. A luz continua nos meus olhos. “Filho, onde está sua calça?” Lembrando-me de encontros passados com a lei e percebendo que ninguém vai me ajudar, junto cada ponto de adrenalina no meu corpo em busca da sobriedade. Desculpo-me novamente e explico ao policial que minha calça estava no restaurante a alguns metros dali, e que eu havia saído para compartilhar meu sushi com o arbusto. Ele não ri. Outra longa pausa. “Você não está dirigindo hoje, está?” “NÃO, NÃO, CLARO que não... não tenho nem uma carteira de motorista em dia.”



1:20: Ele me manda entrar no restaurante, colocar minha calça e chamar um táxi.

1:21: Volto para o restaurante. Algumas pessoas me olham de forma peculiar. Olho pra baixo e ajeito meu pau, que estava parcialmente exposto por baixo da samba-canção. Minhas pernas sangram, não sei o que fazer. Procuro minha calça.

1:24: Não consigo encontrar minha calça. Meu bafômetro está no meu campo de visão. Sopro. 0,23. Alguém me informa que meu desafiante soprou 0,26. Também dizem que ele ainda não vomitou. Digo a eles “Vão tomar no cu!”. É a última coisa de que me lembro claramente.

8:15: Acordo. Não sei onde estou. Muito calor. Estou suando muito, e cheirando a carniça.

8:16: Estou no carro. Com as janelas fechadas. O sol bate diretamente em mim. Está pelo menos quarenta graus no meu carro. Abro a porta e tento sair, mas caio na calçada. Os machucados que cobrem minhas pernas abrem e fecham à medida que me mexo. Meu pau sai da cueca rosa e repousa junto com o que sobra de mim, em uma poça d'água suja no asfalto.

8:19: A fétida água parada me leva à consciência total. Não consigo encontrar minha calça. Nem o celular. Nem a carteira. Mas ainda tenho meu bafômetro. Sopro 0,9. Ainda não posso dirigir no estado da Flórida.

8:22: Vou pra casa mesmo assim.

Quero deixar claro o que aconteceu essa noite: foi um dos meus cinco maiores porres de todos os tempos. Eu estava no limbo. Vomitei muitas vezes, várias delas pelo nariz. E acordo soprando um 0,9, DEUS MEU! Mas que porcaria ridícula. Esse bafômetro é péssimo. É o diabo vestido de transistor.

Meu conselho: fuja desse negócio a qualquer custo.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA POR  
ARVATO EM JANEIRO DE 2015